

## TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com essa natureza não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

## Câmeras corporais são eficazes no trabalho policial?

## Sim Boa imagem e produtividade

Mais prisões e apreensões de armas, menos letalidade policial e mortes de PMs

José Vicente da Silva Filho

Coronel reformado da Polícia Militar de São Paulo, ex-secretário nacional de Segurança Pública (2002, governo FHC), professor do mestrado profissional da PM e membro do Conselho da Escola de Segurança Multidimensional da USP

As boas polícias do mundo buscam se aperfeiçoar constantemente para maximizar o uso de recursos perante demandas crescentes, observar obsessivamente o respeito ao cidadão e o rigor da lei em suas ações, além de investir na proteção do policial em seu complexo e perigoso trabalho. Experiências com câmeras ajudaram nesse processo de melhoria do serviço policial nas ruas de Nova York, Londres, Los Angeles, Berlim e, agora, nos estados de São Paulo e Santa Catarina, os melhores exemplos desse avanço no Brasil.

A utilização de câmeras acopladas no uniforme começou a ser testada na Polícia Militar de São Paulo em 2014. O projeto foi aperfeiçoado na sua utilização no cotidiano policial e nas tecnologias, como a gravação ininterrupta durante o turno de trabalho e o arquivamento altamente controlado do banco de imagens, principalmente das evidências com possível interesse judicial.

Gradualmente se percebeu que as câmeras induzem um comportamento cada vez melhor de conformidade dos policiais às normas reguladoras de seu trabalho e aos procedimentos treinados para obter melhores resultados. Um questionamento feito por policiais da velha guarda, e até por alguns políticos, é o de que a câmera inibiria o policial em tomar iniciativas mais arriscadas durante o serviço, preferindo se omitir tanto quanto possível.

Pelo contrário: as unidades que empregaram as câmeras tiveram produtividade muito maior, medida justamente pela quantidade de criminosos presos em flagrante e

de armas de fogo apreendidas, indicadores típicos de atividade policial motivada e eficiente. O aumento, de julho a outubro de 2021 ante o mesmo período de 2020, foi de 41,4% nas unidades com câmeras contra 12,9% nas unidades sem o equipamento. Em levantamento de opinião realizado em abril com 66 capitães do mestrado profissional da PM, 60 deles (90,9%) foram favoráveis à utilização das câmeras.

Os resultados são eloquentes em outras dimensões: o apuro profissional ajudou a produzir substan-

cial redução da letalidade policial, além de alcançar o menor registro de morte de policial nos últimos 30 anos, com um único caso em confronto no serviço em 2021.

Alguns efeitos colaterais positivos do uso das câmeras acabaram fortalecendo o interesse dos policiais pelo seu uso. Um deles, a gravação de evidências de correção do policial em acusações de abuso de força; outro, o registro de evidências no momento de intervenção policial, que servirá para decisões judiciais. Outro aspecto crescente na experiência dos policiais com câmeras é o efeito do "sorria, você está sendo filmado": a redução da resistência de infratores nas abordagens policiais, que chegou a 32% nas tropas com câmeras e a 19,2% nas unidades sem o equipamento, evitando o emprego de força adicional para dominar as situações.

A ação policial com câmera constitui um raro caso em que se leva ao nível das ruas o princípio constitucional da publicidade dos atos praticados por agentes públicos. (...) O melhor uso da tecnologia requer policiais altamente treinados e motivados, além de supervisão de qualidade, ou as câmeras vão revelar mazelas e comprometer a sua implantação.

Um importante alerta para as demais polícias: o melhor uso da tecnologia requer policiais altamente treinados e motivados, além de supervisão de qualidade, ou as câmeras vão revelar mazelas e comprometer a sua implantação.

## Não Tecnologia não inibe os policiais tendentes a abusos

Não tardará até que agentes encontrem meios de burlar o equipamento

Azor Lopes da Silva Júnior

Coronel da reserva da Polícia Militar de São Paulo, é doutor em sociologia, mestre em direito e conselheiro do Instituto Brasileiro de Segurança Pública (IBSP)

As "body cams", ou "body-worn cameras", seriam eficazes no trabalho policial? No atual cenário, a questão se transforma em munição para a batalha eleitoral.

Disputando o governo de São Paulo, o ex-ministro Tarcísio de Freitas (Republicanos) levemente vem afirmando que "São Paulo fez um pacto com o crime organizado, de não combatê-lo". Assim, ataca o projeto das câmeras corporais — talvez supondo agradar um grupo que entenda ser a sua base eleitoral — com o argumento de que elas inibem os policiais (mas inibiriam de quê?). No polo oposto, o ex-prefeito Fernando Haddad (PT) aponta o projeto como um dos poucos avanços do atual governo estadual. Já o ex-governador Márcio França (PSB) o considera invasivo e que seria caríssimo contratar 15 mil câmeras num custo especulado de R\$ 600 milhões. Por sua vez, o governador Rodrigo Garcia (PSDB) se convenceu de que os equipamentos são "um avanço para a polícia de São Paulo, protegendo o cidadão, protegendo o policial".

Dentre aqueles apontados como "especialistas em segurança pública", é voz unânime que o modelo reduz a letalidade policial, provado em análises quantitativa e comparativa do antes e do depois. A premissa, então, seria aquela atribuída ao poeta romano Juvenal: "Quis custodiet ipsos custodes?" ("Quem há de vigiar os próprios vigilantes?").

Não... As câmeras não inibem policiais tendentes a abusos, que as-

sim agem por força de desvios psicossociais não detectados no processo seletivo ou por falhas nos mecanismos de controle. Não tardará até que agentes encontrem meios de burlar a tecnologia. Se impedir violência e desmandos for seu principal escopo, o projeto terá ido mal porque não atinge todo o efetivo policial do Estado, já que não incorpora os policiais civis que atuam naquilo que chamam de "polícia preventiva especializada" —tampouco aqueles outros do Departamento de Operações Policiais Estratégicas (Dope) e

do Grupo Armado de Repressão a Roubo e Assalto (Garra).

Na obrigatória equação do bom gestor público —"custo público/bem comum"—, melhor seria investir os mesmos recursos orçamentários na ampliação de câmeras de vigilância ambiental, sobre áreas de elevada incidência criminal, onde recorrentemente acontecem confrontos policiais com criminosos. Daí o duplo efeito: prevenção ao crime e, também, a abusos policiais.

Mas ainda há um outro elemento importante, pouco explorado nos debates sobre o tema: as "body cams" produzem uma rica prova —juridicamente válida nos processos criminais—, apta a dar credibilidade na condenação de criminosos e de policiais desviados, assim como na absolvição de inocentes, sejam policiais ou cidadãos injustamente indiciados pela polícia, o que tanto mitiga a impunidade quanto impede o erro judiciário (irreparável no seu todo).

Assim, na definição das políticas de segurança pública é preciso primeiro estabelecer o objetivo central do projeto e, a partir disso, ponderar acerca de outras alternativas mais eficazes. Se o objetivo é evitar desvios de comportamento, parece-me que câmeras ambientais em espaços públicos darão mais eficiência, eficácia e efetividade. Se a opção pelas câmeras corporais já é algo definitivo, que seu melhor produto passe a ser aproveitado em sua plenitude pelos tribunais.

## PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br

Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço.



O Congresso Nacional, em Brasília. Leco Viana/TheNews2/Folhapress

## O pior dos piores

Perguntaram ao grande Ulysses Guimarães, lá pelos anos 90, o que ele achava do nível do Congresso à época. E ele respondeu: "O próximo vai ser pior". E hoje constatamos que seguimos piorando. Sete legislaturas após aquele "pior" do velho Ulysses, chegamos a essa excrescência chamada centrão. **Bernardo Assis Filho** (Salvador, BA)

## Ainda o golpe

"Bolsonaro desenha golpe com apoio do centrão e de militares" (Política, 6/5). As instituições são fráguas, pois permitiram que prosperassem políticos como Bolsonaro, Daniel Silveira, milicos e caterva. **João Carmo Vendramin** (Campinas, SP)

Tem tanto colonista acreditando em golpe de Bolsonaro que ele pode até acreditar que está recebendo apoio para essa excrescência. **José Walter da Mota Matos** (Pouso Alegre, MG)

Chego a pensar que as urnas eletrônicas podem realmente ter problemas; afinal, o atual presidente foi eleito por meio delas. **José Roberto Ferreira** (Brasília, DF)

É terrível constatar que o "país do futuro" está cada vez mais longe do futuro. Após a ditadura militar, conseguimos, a duras penas, alcançar algo minimamente civilizado com a Constituição de 1988. Agora, sob a liderança de um homem obscuro, oficial mediocre do Exército, que de lá saiu pela porta dos fundos e que alcançou a Presidência graças aos terríveis erros da esquerda, estamos sob nova ameaça de grave recuo institucional. Estamos tomando um atalho para o atraso. **João Ramos de Souza** (Brasília, DF)

O estrupício tem obsessão pela reeleição principalmente porque sabe que, se não for reeleito, ele e a família vão ver o sol nascer quadrado. **Marcelo Seraphim** (Brasília, DF)

## Eleições

"Ministro da Defesa pediu ao TSE que divulgue questionamentos das Forças Armadas sobre eleições deste ano" (Política, 6/5). Por quê? Desde quando é papel do Tribunal Superior Eleitoral procurar explicar ao povo as preocupações do Exército? Desde o século 4º a.C., Aristóteles já dizia, no Livro 2 da Metafísica, que, entre as ciências práticas, a ciência que trata do bem do Exército se subordina à ciência civil (a Constituição), que procura o bem geral do Estado. Isso quer dizer que cada um deve respeitar a área do outro. Tudo tem limite. **Ricardo Fraga** (Belo Horizonte, MG)

## E os outros?

Os jornais (pelo menos os de São Paulo) focam Lula e Bolsonaro em constantes manchetes e ignoram os possíveis candidatos da terceira via. Há páginas e páginas descrevendo bobagens e tonterias ditas e feitas por Lula e Bolsonaro e raras notícias sobre o que fazem e propõem fazer (pela ordem alfabética) Bivar, Ciro, Dória, Moro e Simone. Agindo assim, em sua busca por manchetes, o sistema de comunicação deixa de ser o serviço de informações de que o país precisa, prejudicando sobremaneira seus leitores. **Wilson Scarpelli** (Cotia, SP)

## Mais recorde

"Amazônia tem recorde de desmatamento em abril, com mais de 1.000 km² derrubados" (Ambiente, 6/5). Jair Bolsonaro, o genocida responsável pela morte por Covid-19 de quase 700 mil brasileiros. Jair Bolsonaro, o ecocida responsável por um desmatamento jamais visto em território brasileiro. **Cristina Dias** (Curitiba, PR)

Nós, brasileiros, estamos perdendo nosso patrimônio para a ilegalidade e a criminalidade, que só crescem nos últimos anos na região da Amazônia. Isso se deve ao desmonte ambiental perpetrado pelo desgoverno federal, com a convivência de políticos locais. E isso também é corrupção. **Amalia Safatle** (Itapevi, SP)

## Lula na Time

Nelson de Sá, em poucas palavras, derrete o discurso do complexo de vira-lata que a mídia brasileira teceu ao comentar a entrevista de Lula na Time ("Revista Time leva 'segundo ato de Lula' à capa", Toda Mídia, 5/5). Ninguém analisou os pontos positivos da superexposição internacional do Brasil que a matéria teve. Ficaram apenas dizendo o que era trivial, ou seja, que Vladimir Putin é genocida (sim ele também o é) e que Volodimir Zelenski é um líder ou um herói (não é nem um nem outro). Os interesses mundiais falam mais alto quando se trata de seus cercadinhos. Excelente análise do colonista. **Sebastião Galinari** (São Paulo, SP)

## Aborto

Ótimo o texto de Marilene Felinto desta sexta-feira ("Não tem sentido você não gostar do Lula por causa de aborto, disse à minha diarista", 6/5)! Inspirador como abordagem para combater o falso moralismo das igrejas sobre a questão do aborto, que, como Lula defende, deve ser tratado como questão de saúde pública. É muita hipocrisia dos pastores que apoiam o inominável com suas campanhas a favor da arma e com sua idolatria por torturadores ao mesmo tempo em que fazem campanha ensandecida contra o aborto. **Maria Beatriz Telles Marques da Silva** (São Paulo, SP)

Excelente artigo da colonista! Marilene Felinto escreve muito bem, e quando o faz com o coração e a mente, sem a participação do figado, arreventa! Essa pequena história ilustra muito bem pelo menos a metade dos votos do inominável: o voto da ignorância dirigida por fake news, de fundo religioso ou não. **Luiz Cândido Borges** (Rio de Janeiro, RJ)

## Eleição em São Paulo

Somente o fato de o candidato de Bolsonaro para o governo de São Paulo, o carioca Tarcísio de Freitas, não ter um time paulista para chamar de seu e fazer citações inverídicas de um livro para justificar suas falácias e bobagens já o desabilita para sua pretensão de governar São Paulo. Os paulistas não vão escolher um bolsonarista oportunista sem a menor noção do que é o estado. Que volte para o Rio de Janeiro. **Therézinha Lima e Oliveira** (São José dos Campos, SP)